



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

OS ÚLTIMOS QUINZE ANOS.

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira

Ano: 1900 | Número: 17a

Como citar este documento:

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira, Os Últimos quinze anos. *Revista de Guimarães*, Volume especial, 1900, p. 14-23.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Os ultimos quinze annos

PERTENCIA por direito ao primeiro presidente d'esta Sociedade continuar a biographia de F. Martins Sarmento; competia-lhe, incontestavelmente, completar o magistral perfil, que nos deixou no primeiro numero da REVISTA DE GUIMARÃES, enumerando e apreciando, com o seu muito saber, as soluções que deu aos problemas, que continuamente o preoccuparam, o infatigavel trabalhador, o illustre sabio a quem esta Sociedade, organisando-se, se propôz prestar homenagem; infelizmente o biographo seguiu muito de perto no tumulo o amigo, que o prendia, como a todos a quem honrava com a sua convivencia, «na affabilidade das suas maneiras, e no interesse da sua variada conversação.»

Deveria ser preferido outrem para continuar o escripto de José da Cunha Sampaio e não quem, para o desempenho d'esta missão, apenas póde contar com o predicado da admiração, muito sincera e muito respeitosa, que dedicou ao mestre e ao amigo, cujas lições muitas vezes escutou e cujos conselhos, sempre buscados e estimados, muito appreciou. Oxalá estes fossem sempre seguidos! — não adviriam, por certo, os *desgostos pela rasa velha*, como elle augurava.

Mas, para longe o que a releição d'uma sua carta agora nos suggeria, e que os bicos da penna que-riam, parece, transmittir ao papel; façamos por cumprir a tarefa, que a amizade e o dever nos impozeram.

E para contraste vem já a pello dizer que se a conversação de F. Sarmento, sempre instructiva e accommodada á capacidade do interlocutor, interessava pela sua variedade, a sua correspondencia encantava, attrahia pela graça, pelo chiste de que elle sabia entremear as suas cartas, embora se occupassem d'assump- tos em extremo graves. Alguma formosa moura, a quem elle quebrára o encanto em fresca manhã de S. João, ao seguir pelo rio abaixo, toda contente por ir para a sua Mourama, transmittiu-lhe, pela certa, parte da alegria de que trasbordava o seu coração agradecido; alguma boa fada, com que elle estava devéras familiarisado, confiou-lhe a varinha do condão de que elle se serviu para adquirir thesouros opimos de profundo saber, que communicava liberalmente e com tão irresistivel encanto a ponto de forçar os amigos a dizerem com A. Soromenho: «A sua carta veio muito a proposito. Deu-me uns agradaveis momentos de bom humor que lhe agradeço.»

Uma ou outra phrase, colhida a esmo d'algumas das suas inestimaveis cartas, que possuo, comprova o meu dizer.

Fallando-me d'um artigo em que eu noticiava o apparecimento d'umas quaesquer velharias, terminava: «O Possidonio é que já o não póde lêr. Coitado! Li a noticia do seu fallecimento de envolta com a de outro Silva, tudo em duas linhas. Pelo menos cheguemos nós á sua idade, ainda que não seja senão para vêr os progressistas outra vez no poleiro.»

Em resposta á noticia da descoberta d'uma sepultura archaica: «Bemdito seja Deus! se o anno continuar assim, deixar vir a bancarrota. Primeiro a archeologia.»

Communicando-me que sómente tinha ido uma vez á Citania, apesar de trazer lá trabalhadores: «Tenho medo do calor que me pélla e da mulher ainda mais, que está sempre á espreita das asneiras, que faço, para sublinhar qualquer incommodo que ellas possam parir.»

A proposito d'uns braceletes d'ouro, que foram encontrados, algures, por um sapateiro: «Só os sapateiros é que têm d'estas fortunas. Quando vierem dias maiores, talvez vá praticar com o Sossorêta, se a varinha do condão se faz nas officinas dos ourives da sola.»

E nem o desanimo, que por vezes se apoderava do seu espirito vendo os seus trabalhos mal apreciados, ou contradictadas sem fundamento solido as conclusões a que o seu estudo, tenaz e perseverante, o levaram; nem a enfermidade, que ha muito o ia consumindo, poderam jámais apagar a nota alegre com que matizava o seu dizer. D'uma carta, escripta menos de dois mezes antes do seu fallecimento, ainda transluz esta sua feição característica: «Estou um mexilhão agarrado ao penedo e depois do penedo de Briteiros vou agarrar-me ao penedo da Povoá, sem ir a Guimarães...»

O homem põe, mas Deus dispõe. Veio a Guimarães e não pôde ir á Povoá; fez sim uma viagem, a grande e derradeira viagem, legando-nos, ao partir, o exemplo, que nos incita a conservar, já que não podemos continuar, a sua obra, e deixando-nos o coração immerso n'esse *delicioso pungir de acerbo espinho*, que sempre nol-o fará lembrado.

Façamos a resenha dos seus trabalhos nos ultimos quinze annos.

*

Em 1884 e 1885 percorreu em explorações archeologicas, primeiramente as freguezias das margens do Vizella, quer no concelho de Guimarães, quer nos de Felgueiras, Louzada e Santo Thyrsó, depois fez uma excursão ao Marco de Canavezes e em seguida continuou os seus trabalhos em grande parte do nosso concelho. Aqui esquadrinha uma tradição, alli explora um Castro, além um dolmen; procura, descobre, adquire vetustos monumentos e tudo reúne para ir formando, pouco a pouco, o nucleo do museu archeologico que traz na mente. Como o arabe, que quer adquirir cabedal de conhecimentos, imita a areia do deserto, que recolhe todas as gottas da chuva, sem deixar perder uma só, assim F. Martins Sarmiento tudo averigua, tudo collige e de tudo toma nota, com olhos de vêr, para o estudo comparativo d'onde havia de resultar um dos mais ponderosos argumentos para a comprovação da these a que por fim chegou.

E como, segundo o pensamento d'um distincto escriptor, sem culto do passado não ha verdadeiro patriotismo, é de justiça consignar aqui, para seguirmos chronologicamente, que esse homem, que se impôz a rude tarefa d'exhumar dos escombros, em que jaziam soterrados, os vestigios da civilisação dos nossos maiores, tinha, por isso mesmo, profundamente arraigado no intimo da alma o amor a este Guimarães querido, do qual elle em 1855 cantava:

«Fui valente entre os mais fortes,
Dos bellos o mais gentil;
Não achei rivaes na terra,
Ao menos um entre mil.»

Assim, quando em fins de 1885 surgiu o malfadado conflicto bracharo-vimaranense, deixou em repouso os seus livros e estudos predilectos e quer nos comicios, quer na imprensa, ou no gabinete, onde se procurava e debatia a solução mais honrosa para o litigio, F. Sarmiento animava, aconselhava a todos e até, para que escondel-o? uma ou outra vez lembrava expedientes, que nem sempre eram exequiveis, mas que demonstravam o seu patriotismo, o ardor com que perfilhou a causa da sua terra.

São da sua penna, forte e incisiva, entre outros, os artigos publicados no 28 de Novembro sob as epigraphes *Por hora de Braga, Scripta manent, As satisfações de Braga*.

Não devemos esquecer que, se o caracter de F. Sarmiento se manifestou, nas suas intransigencias inexecuiveis, um pouco medieval, como de quem acostumado a lidar com as velharias das gerações mortas, nunca, porém, deixou d'aspirar á unanimidade de vontades, nunca levou a bem as aberrações populares, que

*

podem trazer seriísimos desgostos. Foi no seu gabinete de leitura que se resolveu, a instancias d'alguns, especialmente d'elle, deputar dois vogaes da commissão de vigilancia para acalmar os animos irritados por occasião d'uma celebre noite em que se lançavam á circulação boatos de ameaças graves. Era o homem tão justo e tão ordeiro quanto exaltado patriota!

Não foi demorado este parenthesis nos seus labores quotidianos. Em 1 de maio de 1886, ainda o pleito não tivera solução completa, já elle continuava a interrompida peregrinação ás freguezias do concelho á cata das suas queridas antigualhas, com as quaes, n'este mesmo anno ainda, renovou no Alto Minho antigas relações pessoaes, que datavam de 1879 e que manteve constantes no anno seguinte, 1887.

N'este anno publicou um livro, que é o resultado de longas vigílias, o fructo d'aturados estudos e cogitadas meditações. Fallamos d'*Os Argonautas*, xxxi-291 paginas, que com a sua proverbial modestia, sub-intitula: *Subsidios para a antiga historia do Occidente*, e do qual um erudito patricio ¹ em carta, que temos presente, diz: «Trabalhado e trabalhoso livro. Que paciencia em esquadriñar tanta coisa!... Eu li-o todo; mas digo-lhe em verdade e com franqueza d'amigo que me custou devéras. Não é porque esteja mal escripto, não senhor; longe d'isso. Mas o assumpto e a attenção que exige para se perceber alguma coisa e seguir o encadeamento das ideias, aquillo — cá para mim, pois só de mim fallo — é *levadinho da breca, costa arriba* e aridissimo. Por isso é que mais admiro a sua paciencia e lhe dou os parabens por ter levado a cabo empreza tão difficil e para a qual, a meu vêr, se não descortinaria outro capaz em Portugal.»

A leitura d'esta obra, cumpre dizel-o, causou tal impressão e entusiasmo a dois illustres membros da Insigne Collegiada, vindos para Guimarães na reorganisação d'ella, que com grande interesse e manifesto empenho desejaram adquirir as relações do seu auctor.

Livro de critica superior sobre um ponto de pre-historia, diz-nos um outro vimaranense sabedor, cujo nome calamos contrariadamente, de tal modo foi concebido e com tal profundeza de estudo e vivacidade de imaginação foi escripto, que o auctor desmoronou o antiqüissimo edificio de dominantes e incontestadas tradições.

E sem duvida, em boa consciencia, podia descançar, dando-se por satisfeito quem dotou a sciencia com obra de tamanho folego, que os competentes compulsaram com admiração; não lh'o permittia, porém, o seu genio incansavel, nem o seu espirito amante da verdade; havia de tirar as ultimas conclusões dos dados, que amontoára e continuava amontoando, e então, investindo convicto com o celtismo, que adquirira desde muito fóros de cidade no mundo erudito, daria em terra com muitos preconceitos rotineiros, restabelecendo a verdade na antiga historia lusitana.

N'este anno collaborou com Camillo C. Branco no livro que, por iniciativa de J. F. Moutinho, foi publicado sob o titulo *Obolo ás creanças*.

*

Em 1888 e 1889 o theatro das suas excursões archeologicas foram, além de parte do nosso concelho, varios sitios de Felgueiras, Paços de Ferreira, Santo Thyroso e Famalicão; em 1890 examina de novo os arredores de Villa do Conde e Pova de Varzim, e estende a sua visita a Espozende; em 1891 e 1892 explora o concelho de Amares e vem finalmente, n'este ultimo anno, repousar uma temporada a Briteiros e mitigar a saudade, que o pungia, das suas estações predilectas e procurar nos ares sadios da sua aldeia a saude, que lhe minguava.

Folheemos o seu *diario* e busquemos ahi as impressões suggeridas pela visita a estes logares d'onde ha muito andava arredado. Eil-as:

«*Deus nobis hæc otia fecit*. De Briteiros. Ha oito annos que não tinha voltado ao quartel general, onde passava tres mezes do verão, para dirigir as escavações da Citania e do Sabroso.

¹ O fallecido padre J. J. d'Affonseca Mattos.

«Estava amuado com os meus velhos amores e com meu medo de encarar com elles. Nunca me pagaram bem.

«Uma cadeia de pequenas coisas tinham-me inimistado com a archeologia em geral, e com as das estações em particular, e agora sentia um certo medo de encarar com as das velhas brigas. Apesar de pouco sentimental, a visita áquellas ruínas causa-me uma tristeza vaga. Na Citania ninguem vê as almas penadas dos que alli foram com interesse e não pertencem já ao mundo dos vivos — o Marquez de Sousa Holstein, Soromenho, Filippe Simões, o bom do Rodrigues, Henri Martin, V. de Pindella, Estacio da Veiga.

«Dou a dianteira a Sousa Holstein, porque foi o mais activo visitante da Citania e quem attrahiu sobre os seus trabalhos a attenção do governo portuguez.

«Ainda me lembra que, ao subir commigo a costa, me perguntára se eu desejava alguma honraria. Respondi-lhe... que respeitava todos os titulos velhos; os novos e adquiridos tinha-os em muito pouca conta. Creio, porém, para fallar-se, como certamente do adjunto permittia, dizer-lhe que o maior favor que me podia fazer o governo, se a Citania tinha um valor historico e nacional, era arranjar-me um *veterano* que me defendesse as velharias contra a gaiatada que infestava o monte na minha ausencia e se entretinha em deinolir o que lhe appetecia. Respondeu-me mais tarde que não era possivel encontrar veterano que se sujeitasse ao tempo...

(Segue-se a historia d'umas peripecias curiosas a proposito do habito de S. Thiago, que o Marquez quiz conseguir-lhe em compensação de não arranjar o veterano. Por muito conhecida a omittimos).

«As minhas escavações (linda o escripto) tinham por fim procurar elementos e documentos que me guiassem mais limpamente que os livros no problema das nossas origens ethnicas, que me namorava ha poucos annos e nunca pretendi as honras de archeologo.»

*

Em 1893 reuniu em folheto sob o titulo *Lusitanos, Ligures e Celtas*, 101 paginas, os artigos, que desde 1890 vinha escrevendo na REVISTA DE GUIMARÃES, em resposta á «formidavel descompostura» que um professor do Curso Superior de Letras lhe dera.

O que é e o que vale este opusculo — a que mais tarde addicionou um novo capitulo, publicado na REVISTA, XI, pag. 187 a 199 — classificado por um nosso illustre homem de letras como «precioso documento de serenidade critica, de sciencia e de honradez litteraria», dil-o, pondo de lado outros testemunhos que temos presentes, uma auctoridade maior de toda a excepção, o snr. dr. E. Hübner, nos seguintes termos:

«Berlin, V. Ahornstrasse, 4 - 11 - 93.

Cher ami.

«Hier j'ai reçu votre étude sur les *Lusitanos, Ligures, Celtas* et de suite j'en ai lu une grande partie avec le plus grand plaisir. Vous êtes un débateur du premier rang, et j'admire la multitude de livres en toutes les langues que vous avez lus. Je viens d'y ajouter un autre: mon nouveau volume des *Monumenta linguarum Ibericarum* est en chemin pour vous et vous arrivera, je l'espère, sans détour, comme il arriva au Supplementum du C. I. L., vol. II. J'ai fait, pendant les dernières vacances, un nouveau étude de l'*Ora Maritima*, et je suis devenu à des conclusions en quelque part différentes de celles de Müllenhoff. Celtas et Ligures m'ont occupé naturellement de nouveau et je m'empresse d'apprendre de votre livre. Votre tout dévoué,
E. Hübner.»

*

Em 1895 F. Sarmiento entregou-se especialmente a trabalhos de gabinete e em 1896, além de visitar novamente alguns dos arrabaldes da Povoá, publica a segunda edição do *Ora Maritima*, xv-164 paginas,

completa refundição do trabalho anterior, publicado em 1880, e que é «uma especie de continuação dos *Argonautas*».

N'esta obra o «insigne restaurador d'um dos maiores successos da velha civilização europêa» formúla as conclusões da sua contínua vida d'estudo. Vinte e tres annos de vigílias e canceiras, de porfiado e afanoso trabalho, dirigido por uma poderosa intelligencia e por uma honradez inconcussa, são para nós, *à priori*, a demonstração plena da verdade que conquistou para a sciencia, da these que deixou estabelecida: «**a reivindicação da nossa origem ligurica, e sem ou com uma tão insignificante mistura de elementos celticos, que nem vale a pena fallar n'elles**».

«Devemos tudo, conclue F. Sarmento, a esses velhos emigrantes arianos, que derramaram por toda a Europa uma civilização identica á dos primitivos gregos e dos primitivos romanos, e a defenderam, com a sua liberdade, sempre que puderam, justamente contra as aggressões do Celta e do Germano.»

*

Como o Ashavero da lenda, Martins Sarmento não descança um instante; a doença tortura-o, rouba-lhe a força e vigor com que ascendia aos pinheiros dos montes, mas do seu escriptorio solicita, adquire e regista informações e prepara artigos para a REVISTA DE GUIMARÃES e para a magnifica *Portvgalia*. É n'este labutar constante que se occupa em 1897, 1898 e ainda no primeiro semestre de 1899.

Encanecido no estudo, respeitado e considerado pelas mais altas summidades scientificas, o nosso benemerito patricio termina por asseverar, como Socrates: «o fructo das minhas leituras deu, como vê, esta maravilha: não saber nada ao certo de coisa nenhuma».

Modestia do sabio, ou antes confirmação da maxima: os limites das sciencias são como o horisonte: quanto mais nos aproximamos, mais elle recúa.

*

No periodo de que nos occupamos F. Martins Sarmento, a quem se refere o snr. José Leite de Vasconcellos em nada menos do que 35 paginas da importante obra *Religiões da Lusitania*, enriqueceu a REVISTA DE GUIMARÃES com os seguintes artigos em 171 paginas: *O Deus Bormanico*, *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, *Noticia archeologica sobre o Monte da Cidade* (aditamento á), *Inscrições ineditas*, *A proposito dos «Roteiros de thesouros»*, *Antigualhas*, afóra a *Introducção aos Argonautas* e os *Lusitanos, Ligures e Celtas*, de que já fallamos.

Os *Materiaes* constam de oito artigos; cahiu-lhe a penna da mão quando elaborava o nono, cuja epigraphe já tinha escripto, junho de 1899, no seu *diario*, e ainda cuidava de completar algumas notas que possuia, procurando informações que lhe faltavam. Em carta de 13 d'este mez dizia-me de Briteiros: «Tenho feito varias diligencias para arranjar informadores que me instruissem ácerca das mouramas de Ronfe, Oleiros, Airões, Vermil e Leitões, — alguns crendeiros que quizessem ganhar algum vintem, vindo-me contar o que sabem; mas tenho perdido o meu tempo. Apanhemos pelo menos o C...» Referia-se a um certo que promettera lendas dos Airões a um nosso amigo, cuja memoria me encarregava de «espevitlar».

Foi nullo o resultado da *esperitadella* e assim, já agora, as mouras d'Airões continuam encantadas nos seus penedos e esconderijos, quem sabe por que tempos.

Cahiu-lhe a penna da mão, dissemos acima, e não é força d'expressão. No doloroso estertor da sua agonia, quando a luz do seu espirito estava prestes a apagar-se para as coisas d'este mundo, os movimentos inconscientes da sua mão, como procurando escrever, manifestavam a quem, compungido, os presenciava, a preocupação dos seus habituaes trabalhos d'escriptor.

*

Vem a proposito inserir n'este logar a enumeração dos artigos, que F. Sarmento publicou em varios jornaes e revistas; não é completo este elencho, porque, apesar dos nossos esforços e da muita amabilidade

dos amigos a quem importunamos, não foi possível apurar tudo o que elle escreveu, quer antes, quer na época de que nos occupamos.

Eis o que sabemos:

A mulher e o diabo. Publicado na *Borboleta*, I anno, pag. 27; Braga, abril 1876.

Os gregos no noroeste da Iberia. No *Instituto*, xxiii anno, pag. 1 e 49; Coimbra, julho 1876.

O Deus Bormanico. No *Museu illustrado*, I, pag. 155; Porto, 1878.

Sobre as antigas cidades da Iberia. Idem, II, pag. 20 e 30; Porto, 1879.

Arte pre-romana. No *O Occidente*, II, pag. 157; Lisboa, 1879.

Observações acerca do valle do Ancora. No *O Pantheon*, pag. 2 e 23; Porto, 1880-1881.

O que podem ser os mouros da tradição popular. Idem, pag. 105 e 121.

A Estatua do Pateo da Morte. Idem, pag. 382.

Os Celtas na Lusitania. Na *Revista Scientifica*, pag. 75, 128, 184, 294 e 359 e seguintes; Porto, 1882.

Se antes da invasão dos romanos havia uma arte entre nós. Na *A Arte Portuguesa*, I anno, n.º 1, 2 e 3; Porto, 1882.

A proposito de Castros. No *O Panorama contemporaneo*, pag. 11; 1883.

O soldado que venceu Viriato. Na *A Vida Moderna*, n.º 6; Porto, 1884. Foi transcripto no *Espectador*, n.º 11; Guimarães, 1884.

O penedo de S. Gonçalo. Idem, n.º 17; Porto, 1884.

A civilização da pedra polida no Minho. Na *Revista Scientifica* do Atheneo, pag. 77; Porto, 1885.

O calix mais antigo da Senhora da Oliveira. Na *Aurora da Penha*, numero unico; Porto, 1887.

Para o Pantheon lusitano. Na *Revista Lusitana*, I, n.º 3; Porto, 1887.

Duas tradições populares. I — *O dinheiro de Charonte.* II — *Ao sol poente.* Idem, idem.

Marcos milliares no concelho de Villa Nova de Famalicão. Na *Nova Alvorada*, I anno, n.º 9; Famalicão, 1892. No n.º 8 do II anno d'este jornal, 1892, numero commemorativo de Colombo, publicou um artigo sem titulo.

Ora Maritima, fragmento. Na *Revista de Portugal*, IV vol., pag. 181; Porto, 1892.

Os Atlantes de Diodoro Siculo. Na *Revista das sciencias naturaes e sociaes*, I; Porto, 1893.

Materiaes para a archeologia da comarca de Barcellos. Idem, III vol., pag. 62; Porto, 1895. Publica-
do annos antes no *Tirocinio* de Barcellos.

«*Cidade velha*» de Monte Cordova. No *Archeologo Portuguez*, I vol., n.º 6; Lisboa, 1895.

A proposito de Valabriga. Na *Nova Alvorada*, V anno, n.º 11; Famalicão, 1896.

Materiaes para a archeologia do districto de Vianna. Na *Revista das sciencias naturaes e sociaes*,
IV vol., pag. 23; Porto, 1896. Publicado antes no *Pero Gallego*, de Vianna.

A proposito das estatuas galaicas. Idem, idem, pag. 180. Impresso antes no n.º 3 da *Revista Aca-
demica*, Porto, 1879, que não chegou a ser distribuido.

A Estatua do Pateo da Morte. Idem, idem, pag. 189. Publicado antes no *Pantheon*, como já referimos.

A arte mycenica no noroeste de Hispanha. Na *Portugalia*, I, pag. 1, Porto, 1899.

N'esta magnifica *Revista* devia F. Sarmiento inserir trabalhos que trazia em preparação sobre as esta-
ções de Sabroso e Citania. Todos os preliminares d'estas publicações, illustradas com photogravuras, estavam
assentes com os snrs. Rocha Peixoto e Ricardo Severo, e o numero II, prestes a sahir do prélo, deveria abrir
com o inicio d'uma memoria acerca do *Côto do Sabroso*. Varios motivos e a morte em remate, diz-nos o
snr. Rocha Peixoto, inutilisaram todas as combinações.

Nos numeros unicos *A Industria Vimaranesense*, Guimarães, 1884, *Guimarães-Andaluzia*, idem,
1885, *A Apotheose*, Lisboa, 1887, publicou F. Sarmiento artigos sem titulo a proposito dos factos, que es-
ses numeros commemoram.

Ainda escreveu em outras publicações periodicas, v. g. *Renascença* (Porto), *Boletim* da Associação dos
Archeologos (Lisboa), que não podemos consultar, mingando por isso informação mais minuciosa. Na *Nova
Alvorada* ainda escreveu, pelo menos, outro artigo, além dos citados, referente a uma inscripção encontrada
em Dellães. E quantos outros de que não temos conhecimento.

No vol. I da *Historia do Exercito Portuguez*, do snr. Christovão Ayres, é do nosso distincto patricio a informação e classificação dos *Castros*.

*

Na vida social da benemerita corporação a que prestou o seu nome, a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, occupa o illustre morto, como é facil de conjecturar, o primeiro e principal logar; foi o seu mais estrenuo impulsor.

Repugnava-lhe intervir como *triumphador* (assim se expressava); mas, quando as direcções o convidavam e instavam como *consocio*, a modestia e repugnancia vencia-se e era um companheiro e cooperador das diversas emprezas.

Para a exposição industrial de 1884, entre outras difficuldades, surgia a da casa, mas o digno consocio resolveu-a: *se não tiverem casa melhor, está aqui a minha, e eu vou para Briteiros*.

Fez parte de quasi todas as commissões que na Sociedade se constituíram para o conseguimento dos fins sociaes; dotou a bibliotheca com grande numero de volumes; enriqueceu o museu de numismatica com os mais valiosos exemplares que este possuia; construiu a formosa galeria para o museu archeologico e n'este, o que alli existe, era quasi tudo propriedade sua e o resto foi cedido á Sociedade por instancias d'elle, ou alcançado com o prestigio do seu auctorizado e querido nome.

Fóra do edificio da Sociedade, todos os monumentos, que esta possui no Minho, Douro, Traz-os-Montes, etc., e que conserva, em virtude da lei que por suas diligencias e valiosas relações conseguiu fosse promulgada em 1889, todos se lhe devem.

Quem assim a beneficiou em vida, não a esqueceu na morte; as clausulas do seu testamento prendem perpetuamente a gratidão da Sociedade, que não perecerá, porque não pôde perecer a memoria saudosa de Martins Sarmiento. A posteridade dar-nos-ha razão, porque lhe fará justiça inteira, aquilatando, melhor que nós, os thesouros de que elle ornou o seu espirito, as gemmas de que esmaltou o seu magnanimo coração.

*

Resta-nos, para terminar este despretencioso esboço, fallar do espolio litterario, que conservava manuscrito e que a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, crêmol-o convicto, reputará e apreciará sempre um dos mais estimaveis legados, que á sua guarda foram commettidos.

Comprehendem estes escriptos todos os materiaes que ia reunindo; a exposição dos trabalhos a que se entregava; as impressões que a assidua leitura e profundo estudo iam deixando no seu espirito. É o diario de toda a sua vida d'estudioso e por elle se avaliam com justeza as modificações que no seu pensar se operavam, ao passo que avançava nos conhecimentos que adquiria, submettidos ao cadinho da sua robusta intelligencia, depurados no crisol da sua luminosa critica.

Catalogamos estes manuscritos dando-lhes, como é de justiça, a mesma classificação sob que F. Sarmiento os havia reunido, e procurando, quanto possivel, seguir a ordem chronologica da sua elaboração.

I — Materiaes

Comprehende esta secção 15 cadernos *in-folio*, contendo 775 paginas, em que se encontram extractos do archivo da camara de Guimarães e dos historiadores antigos da peninsula; notas e indicações philologicas, toponimicas, chronologicas, geographicas, biblicas, etc.

II — Photographia

São 5 cadernos com 293 paginas, nos quaes refere, dia a dia, a começar em 8 de maio de 1868 e findar em 3 de novembro de 1876, os seus estudos e ensaios photographicos, e conclue com uma collecção de receitas para esta especie de trabalhos.

III — Impressões de leitura

Compõe-se esta secção de 22 cadernos com 2:268 paginas, dos quaes 7 são de formato *in-quarto* e sem data, mas na sua maioria anteriores ao primeiro *in-folio*, que começa em setembro de 1873. O ultimo termina em junho de 1899.

Abrange artigos, parte completos, parte sómente esboçados, de polemica jornalística, noticiosos, politicos, litterarios e scientificos; notas e reflexões criticas sobre archeologia, historia, religiões, etc. É, n'uma palavra, o esqueleto d'onde surgiram as importantes produções com que dotou o patrimonio das sciencias.

Alguns d'estes cadernos contêm o diario das suas primeiras explorações na Citania.

IV — Citania e Sabroso

São 2 cadernos com 234 paginas e encerram a continuação dos trabalhos diarios das explorações realisadas nas duas estações prehistoricas desde 1873 a 1883, a que ia juntando as reflexões criticas que resultavam do estudo dos objectos encontrados.

V — Antiqua

Compõe-se esta secção de 6 cadernos com 778 paginas, começados a escrever em 23 de março de 1878 e findos em 10 de dezembro de 1898.

Como o titulo indica, estão n'estes escriptos compendiadas todas as informações, que ia colhendo e todas as excursões archeologicas, que fez em diversos pontos do paiz. É o diario da sua vida d'archeologo.

A derradeira informação, que consignou n'este precioso repositorio de antiguidades, refere-se á descoberta d'um objecto de pedra, talvez uma picareta, no monte de Talhós, que o achador, presumindo ter a fortuna feita, mostrou a um ourives de Guimarães para conhecer o valor exacto da riqueza que possuia e desilludido fez em pedaços. Estes fragmentos ainda F. Sarmiento calculava haver á mão e com esta esperança termina o apontamento: *Sejam bem vindos!*

No primeiro d'estes cadernos deixou esta advertencia: «*Antiqua* ha de comprehender apontamentos de livros sobre archeologia, — historietas, tradições e superstições do nosso povo, — palavras de cunho não latino. É claro que não póde esperar-se connexão nenhuma n'estes apontamentos.»

A continuação da sub-secção — tradições populares, — que reúne em muitas paginas dos tres primeiros cadernos da *Antiqua*, formou depois uma secção separada, a seguinte.

VI — Tradições e contos populares

Comprehende 3 cadernos com 245 paginas.

O primeiro d'estes declara-o continuação do III volume *Antiqua*. No primeiro e terceiro contêm-se algumas noticias archeologicas, assim como todos os *Antiqua* contêm algum *folklore*.

Além d'estes volumes existem ainda algumas folhas dispersas, contendo parte d'artigos e estudos já publicados, inclusivè alguns destinados á segunda edição do *Ora Maritima*.

Sommando todo este espolio, *illustres caquinhos* que este *excavador de montes* amontoou, encontramos cincoenta e tres cadernos com 4:593 paginas, nas quaes a Sociedade Martins Sarmiento tem muita e valiosa materia para abrilhantar os numeros da sua *Revista*. Será a continuação da homenagem; e, como muitos d'estes escriptos são ineditos, á Sociedade incumbe a obrigação de os patentear ao mundo sabio. É em certo modo seguir o dictame do Divino Mestre: *quod in aure auditis predicate super tecta*.

*

Francisco Martins Sarmiento, que depois de 1884 recebeu os seguintes diplomas honorificos: socio correspondente da Academia d'Archeologia da Belgica em 7 de dezembro de 1884; socio correspondente da Real Academia de Historia de Madrid, em 3 de novembro de 1893 e socio honorario da mesma em 15 de abril de 1898, deixou nas *Impressões de leitura* o seu ultimo escripto datado de Briteiros, junho de 1899, cuja leitura devemos, desde já, proporcionar aos seus admiradores, com a intima convicção de que lhes seremos agradavel. Eil-o:

«A Mourama. O nosso povo toma a mourama em mais de um sentido. Assim, Sabroso é uma mourama mais pequena que a Citania. É o sentido restricto; n'este a mourama é como a *síde* irlandeza — uma localidade onde habitam os mouros encantados, que por qualquer motivo não poderam abalar d'aqui n'um certo momento historico, que se não precisa. Assim, o homem de Donim foi levado para a mourama, e, para voltar á terra, teve de vir no «cavallo do pensamento», que preferiu ao «do vento».

«As mouras desencantadas vão tambem n'umas pedras pelo rio abaixo, que as levam sem duvida ao mar, e d'ahi quem sabe aonde. Ora tudo isto não passa de patranhas, mas o nosso seculo de critica toma a serio estas patranhas, que lhe exprimem uma ideia, e ninguem dirá que o não tem conseguido, graças ao methodo comparativo — principalmente, e o inquerito de todos os ramos de historia. Assim ninguem pôde contestar hoje que a nossa mourama, como a *faíry* irlandeza (limitemos a coisa), é o velho mundo mythologico dos nossos passados, digamos tudo, o mundo religioso, que sobreviveu ao christianismo.»

*

Pelo que summariamente esboçamos não é difficil de comprehender, como me suggere n'este momento um dos iniciadores da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, «quanto esta, e todo o Guimarães, sentiu profundamente o passamento d'este grande vimaranense, que teve logar em 9 de agosto de 1899. Não conhecendo n'este seculo homem que se lhe avanteje, nem em sciencia, que elle possuia variadissima, nem em virtudes civicas, porque era exemplarmente recto e justo, interessando-se por tudo o que era bom, por tudo o que era humilde, por tudo o que representava um progresso efficaz e duradouro, moral ou material, para o seu paiz, ou para o seu Guimarães, a cidade, com a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO na vanguarda das manifestações, levantou-lhe o monumento mais duradouro de respeito, de saudade, de admiração, na expansão da dôr nas exequias e cortejo de despedida, e abrilhanta-lh'o continuando, com a cooperação do seu espirito, na perpetuação da obra de paz, de progresso moral, de caridade pela instrucção aos humildes, que constitue o grande e complexo fim da benemerita SOCIEDADE MARTINS SARMENTO».

*

Concluimos esta resenha com a ascendencia paterna do nosso illustre amigo, que conseguimos apurar até ao meado do seculo xvii, graças aos bons serviços que nos prestaram, entre outros, o distincto genealogista o snr. Visconde de Sanches de Baêna e o dr. José Machado, aos quaes deixamos aqui consignada a expressão do nosso reconhecimento.

1 — *Jeronymo dos Reis de Sousa*, natural de Lisboa, baptisado na freguezia de S. Nicolau a 11 de janeiro de 1659 (liv. a fl. 32 v.); casou na Misericordia de Lisboa a 12 d'abril de 1684 com D. Anna Maria de Gouvêa, baptisada na freguezia da Magdalena de Lisboa a 10 de fevereiro de 1664 (liv. fl. 63). Teve:

2 — *Henrique de Gouvêa*, natural de Lisboa e baptisado na freguezia do Sacramento a 9 de julho de 1684 (liv. fl. 184 v.); capitão de infantaria com exercicio de engenheiro; casou em Lisboa na freguezia da Sé a 26 de janeiro de 1710 (liv. fl. 88) com D. Maria Thereza de Gouvêa, natural de Lisboa e baptisa-

da na freguezia da Sé a 8 de julho de 1691, filha de Domingos Ventura, baptisado na freguezia de Frei-xiel, comarca de Villa Flôr, e de sua mulher Maria Lopes Bernardes, baptisada na Sé do Porto em 1668 (liv. 12, fl. 52), recebidos na Sé do Porto a 11 de março de 1686 (liv. 13, fl. 374). Teve entre outros:

3 — *Dionisio Antonio de Gouvêa de Moraes Sarmento*; casou em Donim, Guimarães, a 12 d'abril de 1752 (liv. fl. 51 v.) com D. Maria Angelica da Costa Machado, já viuva, filha de Manoel da Costa Luiz e de D. Josepha Machado, que moraram em Guimarães. Elles viveram em Donim e tiveram entre outros:

4 — *José Antonio de Gouvêa de Moraes Sarmento*, capitão de milicias; casou com D. Maria The-reza de Barros, filho de Manoel Rodrigues e D. Maria de Barros, moradores no logar da Ponte, freguezia do Salvador de Briteiros. Elles viveram primeiro no logar da Forcada, freguezia de Donim, e depois na casa da Ponte, Briteiros, e tiveram entre outros:

5 — *Francisco Joaquim de Gouvêa de Moraes Sarmento*, senhor da casa da Ponte; casou com D. Joaquina Candida Araujo Martins, filha de Jeronymo Ribeiro Bernardes e de sua mulher D. Joanna Maria d'Araujo Martins. Tiveram entre outros:

6 — *Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento*, nascido em Guimarães a 9 de março de 1833, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, fidalgo de Cotta d'armas por alvará de 4 de dezembro de 1854 (registado no Carterio da nobreza, liv. 8.º, fl. 390) em que se lhe concedeu um escudo esquartellado, tendo no 1.º quartel as armas dos Martins; no 2.º as dos Gouvêas; no 3.º as dos Moraes; no 4.º as dos Sarmentos. Casou a 5 de fevereiro de 1876 com a exc.^{ma} snr.^a D. Maria da Madre de Deus Freitas Aguiar e falleceu a 9 d'agosto de 1899 sem successão.

Tagilde, janeiro 1900.

O abbade J. G. de Oliveira Guimarães.

